



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS**

**LETÍCIA DE MÉLO AUGUSTO**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: POR UM ENSINO DE  
LÍNGUA MAIS INCLUSIVO**

**GUARABIRA-PB  
2024**

LETÍCIA DE MÉLO AUGUSTO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: POR UM ENSINO DE  
LÍNGUA MAIS INCLUSIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso letras português  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de Licenciada em Letras Português.

**Área de concentração:** Variação  
Linguística e Ensino

**Orientador:** Profa. Dra. Anilda Costa Alves

**GUARABIRA-PB  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A923v Augusto, Leticia de Melo.  
A variação linguística no contexto escolar [manuscrito] : por um ensino de língua mais inclusivo / Leticia de Melo Augusto. - 2024.  
39 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.  
"Orientação : Prof. Dr. Anilda Costa Alves, Coordenação do Curso de Letras - CH. "  
1. Variação Linguística. 2. Preconceito Linguístico. 3. Ensino Inclusivo. 4. Gramática Contextualizada. I. Título  
21. ed. CDD 469.07

LETÍCIA DE MÉLO AUGUSTO

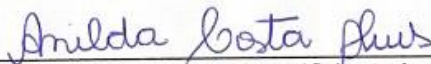
**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: POR UM ENSINO DE  
LÍNGUA MAIS INCLUSIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso letras português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

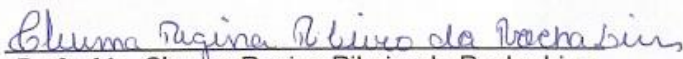
**Área de concentração:** Variação Linguística e Ensino

Aprovado em: 29/05/2024.

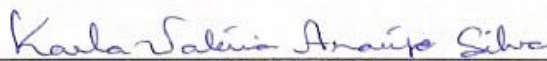
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Anilda Costa Alves (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Karla Valéria Araújo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que sempre me apoiaram e  
contribuíram de alguma forma para que  
eu chegasse até aqui, DEDICO.

“Quando justificamos o ensino de Gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. [...] O gramático precisa dizer o que a língua é, não o que (segundo ele) deveria ser.”

- (Perini, 1997, p. 50-51)

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos participantes.....	25
Quadro 2 – Questionário para os professores de língua portuguesa	26
Quadro 3 – Respostas das questões 1 e 2.....	26
Quadro 4 – Respostas da questão 3.....	28
Quadro 5 – Resposta da questão 4 .....	29
Quadro 6 – Respostas da questão 5.....	29
Quadro 7 – Respostas da questão 6.....	30
Quadro 8 – Respostas da questão 7.....	31
Quadro 9 – Respostas da questão 8.....	32

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Concepções da linguagem .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>Variação linguística .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3</b>	<b>Preconceito linguístico.....</b>	<b>16</b>
<b>2.4</b>	<b>O português brasileiro e o ensino no contexto atual.....</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>Participantes.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2</b>	<b>Instrumentos de coleta.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>26</b>
<b>4.1</b>	<b>Síntese das respostas dos participantes.....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
	<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....</b>	<b>38</b>

## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: POR UM ENSINO DE LÍNGUA MAIS INCLUSIVO

Letícia de Mélo Augusto

### RESUMO

O Brasil abarca diversos tipos de variedades linguísticas e todas essas diferentes formas de se comunicar devem ser respeitadas, inclusive no ambiente escolar. Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral fazer uma análise de como a escola vem contemplando o trabalho com a linguagem, levando em consideração a variação linguística presente nas salas de aula. Essa pesquisa surgiu diante de uma inquietação ao perceber que ainda existe muito preconceito linguístico, sobretudo no ambiente escolar. Em relação ao procedimento metodológico, a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa de caráter descritivo. Para isso, foi aplicado um questionário com professores de idades diferentes e tempo de atuação profissional distintos, a fim de se obterem os dados necessários para que fizéssemos um levantamento de como esses professores abordam a questão da variação linguística e se o tempo de formação e atuação profissional dos referidos professores pôde servir como possível fator a influenciar na forma como o trabalho com a linguagem é desenvolvido em sala de aula. No que tange ao referencial teórico, foram utilizados os trabalhos de Geraldi (2011), Travaglia (2005) e Zanini (1999), para abordar a questão da concepção da linguagem; Coelho *et al.* (2015), no trato da variação linguística; Bagno (2007), para discorrer acerca do preconceito linguístico; Antunes (2014), para referir-se às questões do ensino da gramática contextualizada, dentre outros. Os resultados obtidos demonstraram que o tempo de formação dos profissionais agiu como um possível fator a estabelecer uma abordagem linguística mais significativa, visto que os profissionais formados num período de tempo mais recente e com um tempo de atuação menor parecem favorecer mais o tratamento de aspectos linguísticos voltados para situações reais de uso em suas aulas, o que acarreta a não marginalização do fenômeno da variação linguística presente na fala dos aprendizes, tornando o ensino inclusivo.

**Palavras-Chave:** Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Gramática contextualizada; Ensino Inclusivo.

### LINGUISTIC VARIATION IN THE CLASSROOM: TOWARDS MORE INCLUSIVE LANGUAGE TEACHING.

#### ABSTRACT

Brazil is home to a multitude of linguistic variants, and it is important to respect each one's communication style, especially in an educational setting. In light of this, the overall goal of this work is to examine the ways in which the school has been thinking about utilizing the language while accounting for the linguistic variation found in

classes. This study emerged from a concern about the prevalence of language discrimination, especially within the school environment. The study employed a qualitative, descriptive methodology. In order to gather the necessary information, a questionnaire was given to teachers of various ages and levels of professional experience. This allowed us to assess how these teachers handle the problem of linguistic variation and determine whether or not their professional experience and length of training could have an impact on how language work is developed in the classroom. As for the theoretical framework, the conception of language was addressed by Geraldi (2011), Travaglia (2005), and Zanini (1999); linguistic variation was covered by Rabbit et al. (2015); linguistic prejudice was covered by Bagno (2007); and the teaching of contextualized grammar covered by Antunes (2014). According to the results, the professionals' length of professional experience may have played a role in developing a more significant linguistic approach, as professionals who had recently graduated and had less experience appeared to favor treating linguistic aspects of language learning with an eye toward real-world scenarios in the classroom. This, in turn, led to the phenomenon of linguistic variation found in learners' speech not being marginalized, thereby promoting inclusive education.

**Keywords:** linguistic variation; linguistic prejudice; contextualized grammar; inclusive education.

## 1 INTRODUÇÃO

Não é novidade que o ensino de gramática na sala de aula tende a seguir um padrão adotado pelos professores, no qual, basicamente, é feito de forma mecanizada e repetitiva. Para o referido ensino, os professores se baseiam na gramática tradicional, que é feita no modelo de repetição de frases e palavras com o intuito de fixar o que se pretende ser ensinado a seus alunos. Esse método de ensino da gramática se estabelece mais como um exercício de decorar as normas gramaticais para aplicar na prova do que propriamente no aprendizado de sua funcionalidade prática, pois, com o passar do tempo, os alunos vão esquecendo como se chegou a determinadas respostas, pois não foram desenvolvidas mediante um contexto prévio, anulando todo o conhecimento que achavam que teriam do assunto.

Diante disso, podemos perceber que uma parte muito importante é deixada de lado, que neste caso seria o contexto de vivência do aluno, o fator cultural, pois, muitas vezes, transmite-se a falsa ideia de que só existe uma forma de linguagem correta, o que pode acarretar não só na desmotivação do aluno, como também podendo ser um fator que contribui para perpetuidade de desigualdade educacional e podendo aumentar o preconceito linguístico e social, o que ocasionaria comumente em um ambiente de exclusão para esses alunos que não se encaixam na norma exigida pela gramática tradicional.

Dessa forma, diante do referido problema, faremos uma discussão acerca de como é mediado o ensino da gramatical tradicional em escolas da região do brejo paraibano, assim como iremos observar se os aspectos linguísticos de cada grupo de alunos estão sendo respeitados nesse processo de ensino, uma vez que cada

pessoa tem um nível de desenvolvimento particular, como também todo aspecto cultural, social e econômico podem servir como facilitadores ou como impedimentos para cada um.

Com isso, uma importância excessiva ao ensino da gramática tradicional tende a deixar de lado questões sociocomunicativas, de maneira a desconsiderar a variação linguística, tornando cada vez mais difícil para o aluno romper essa barreira do aprendizado, pois, alguns alunos, diante de suas particularidades, não conseguem ter o mesmo nível de desenvolvimento do restante da turma. Tal situação pode acarretar um desinteresse e frustração por parte dos alunos, a ponto de decidirem abandonar os estudos. Diante disso, justifica-se o desenvolvimento da presente pesquisa, que tem como intuito trazer esclarecimento acerca da referida questão.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como se desenvolve o ensino de Língua Portuguesa em escolas públicas localizadas no brejo paraibano, levando em consideração a variação linguística. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: (i) investigar como se dá o tratamento da gramática tradicional no contexto regular de ensino; (ii) observar de que forma a variação linguística presente na fala dos alunos é tratada no âmbito escolar; (iii) analisar em que medida há preocupação por parte dos professores em relação às questões extralinguísticas em sala de aula.

O presente trabalho busca investigar se há, ou não, um cuidado especial na questão da variação linguística de seus alunos, uma vez que cada pessoa traz em sua oralidade formas, dialetos e expressões utilizadas em seu dia a dia na comunidade, e cabe ao professor saber administrar o que pode ser feito para que isso não venha atrapalhar o ensino, compreendendo que a variação não deve ser tratada como um problema, e sim como uma particularidade de cada falante.

Sabemos que existe uma parcela da sociedade que cada vez mais é inferiorizada devido às suas condições sociais. Dessa forma, tais condições refletem em seu futuro como aluno, na recepção de aprendizagem, que muitas vezes é considerada de forma inferior por seu conhecimento cultural diferente daqueles presentes em indivíduos pertencentes a camadas sociais de maior prestígio e níveis mais elevados de escolaridade.

É de conhecimento geral que a classe menos favorecida tem em seu vocabulário palavras e expressões cuja gramática tradicional julga como errada, é exatamente nessa parcela da sociedade que se pretende focar este trabalho.

Esta pesquisa mostra-se importante para o contexto pedagógico, pois uma vez evidenciada a carência na forma em que é desenvolvido o trabalho com a linguagem, encontra-se onde está o equívoco, o que pode acarretar um trabalho mais significativo a ser realizado pelo professor que estará ciente dos problemas existentes no ensino, assim como pode facilitar a busca por meios que ajudarão no processo de ensino. Portanto, esta pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem menos maçante, uma vez que discute a importância de centralizar as especificidades inerentes aos indivíduos, às quais podem ser acessadas mediante os diversos usos linguísticos.

Como referencial teórico, o estudo se desenvolve com base nas ideias de Geraldini (2001), Travaglia (2005) e Zanini (1999), para abordar a questão da concepção da linguagem; Coelho *et al.* (2015), no que tange à variação linguística; Bagno (2007), para discorrer acerca do preconceito linguístico; Antunes (2014), para referir-se às questões de um ensino contextualizado; dentre outros.

No que tange à metodologia, a pesquisa utiliza-se de uma abordagem qualitativa e caráter descritivo. Para isso, foi utilizado um questionário com algumas perguntas sobre a gramática tradicional, a variação linguística e o ensino, com intuito de obter dados que nos permitam fazer uma análise de como está sendo abordada a questão das múltiplas formas de linguagem na sala de aula, a fim de debatermos sobre um ensino acolhedor e inclusivo.

Além dessa seção introdutória, este estudo abordará, na Seção 2, a fundamentação teórica, trazendo as questões referentes à aquisição da linguagem, à variação linguística, ao preconceito linguístico e ao ensino; em seguida, na Seção 3, apresentaremos os aspectos que foram utilizados para dar um melhor andamento na pesquisa, como a busca por uma metodologia que possa suprir as necessidades do trabalho; continuando, na Seção 4, traremos os resultados e discussões, onde analisaremos todas as respostas recebidas dos professores; por fim, na Seção 5, apresentamos as nossas considerações finais, em que são retomados os objetivos do estudo, e onde será possível verificar, com base na análise feita com os professores, se a questão da variação linguística é respeitada dentro do contexto de sala de aula.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No que tange à fundamentação teórica utilizada na presente pesquisa, na primeira subseção (2.1), iremos tratar de como são construídas as concepções da linguagem; em seguida, na segunda subseção (2.2), faremos uma explanação no que se refere à variação linguística; na terceira subseção (2.3), serão abordadas as diversas maneiras de preconceito linguístico presentes no contexto social; por fim, na quarta subseção (2.4), iremos focar sobre os equívocos (ainda) presentes no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

### 2.1 Concepções de linguagem

Desde o surgimento dos estudos linguísticos, no século XX, até a sociedade atual, alunos são ensinados a seguirem gramática tradicional, fazendo com que os referidos indivíduos sejam vistos apenas como decodificadores e produtores de textos em sala de aula. Sabendo-se disso, refletiremos sobre as concepções de linguagem, a fim de compreendermos como cada concepção molda o fazer pedagógico. Para isso, serão utilizadas as ideias de Geraldi (2011), que elenca as referidas concepções em três categorias. São elas:

**A linguagem é a expressão do pensamento:** essa concepção apresenta um caráter prescritivo. É ela que está (ainda) presente nas salas de aulas, centralizando o ensino de Língua Portuguesa. A sua função é exteriorizar o pensamento, havendo o predomínio do 'eu'. A unidade básica de análise nessa concepção é a palavra. Ainda, destaca-se que há o predomínio da escrita sobre a oralidade e as variedades são consideradas como erros. Na

referida concepção, a linguagem é um dom e o texto é pronto e acabado, apresentando sentido único.

**A linguagem é instrumento de comunicação:** essa concepção apresenta um caráter descritivo, cuja função é transmitir informação. Aqui, há o predomínio do 'tu' (há uma inovação em relação à primeira concepção, mas o 'tu' é um ser passivo). Na referida concepção, a unidade básica de análise é a frase. Continua havendo um predomínio da escrita em detrimento da oralidade. As variedades linguísticas nessa concepção só são consideradas teoricamente e a linguagem é uma competência. Em relação ao texto, continua tendo um sentido único.

**A linguagem é uma forma de interação:** diferentemente das demais, essa concepção apresenta um caráter contextualizado. A função da linguagem na referida concepção é realizar ações e agir sobre o outro (jogo social). Há um predomínio da interação social. Aqui, a unidade básica de análise passa a ser o texto. Em relação à escrita e à oralidade, são consideradas distintas. No que tange às variedades linguísticas, são consideradas importantes para a análise do material linguístico.

As duas primeiras concepções são voltadas à forma, considerando a língua como algo totalmente individual, visto que a primeira nos leva à gramática tradicional, e a segunda ao estruturalismo e ao transformacionismo. Já na terceira concepção, que é pautada em Bakhtin (2012), é a linguística de enunciação e destaca a língua como “forma de interação”, ou seja, língua e fala são diferentes, mas que precisam ser vistas como um fenômeno de interação social, são indissociáveis, ligadas uma à outra e funcionam como meio de deixar o falante apto a ter interagir com os diversos ambientes em que ele estiver inserido.

Diante disso, vemos a importância de um ensino de gramática voltado ao contexto, pois o ensino puramente da gramática tradicional não trata de questões sociais de comunicação, assim como destaca Franchi (2006) sobre o ensino da gramática quando diz que “a gramática não deve ser aprendida como uma tabuada, mas, sim, construída mediante uma atividade social. Para tanto, é imprescindível que o docente tenha compreendido e assumido uma concepção de linguagem como interação”. Em consonância com o que foi citado anteriormente, Travaglia constata que

o ensino de Língua Materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. O que é necessário para a consecução desse primeiro objetivo? Evidentemente propiciar o contato do aluno com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa [...] (Travaglia, 2005, p.17-18).

É fato que já nos primeiros anos de vida começamos a nos comunicar usando a nossa língua materna e ampliando nossa capacidade comunicativa com o passar

do tempo. No entanto, para termos um maior domínio da forma prestigiada da língua, precisamos de uma mediação dos professores para obter êxito, porém, o que tem se destacado no ensino de gramática é esse método ultrapassado e excludente, como dito anteriormente, um ensino descontextualizado e voltado à repetição e decodificação, tornando-se semelhante a um ensino de tabuada. Diante disso, é necessário que se tenha um ensino que busque trabalhar textos e aulas que estejam voltadas para a realidade do aluno, e assim tenha um conhecimento prévio sobre sua própria língua, que vem do social, pois em consonância com Antunes “a gramática está presente, portanto, em qualquer atividade verbal ou informal, prestigiada ou não; tenhamos ou não consciência disso” (Antunes, 2005, p.167). Portanto, deve-se analisar melhor como está sendo o ensino dessa gramática, uma vez que o trabalho com o acesso à gramática tradicional não deve ser confundido com o ensino da língua, pois, ao fazer isso, estaria deixando de lado o fator social do falante, podendo gerar o chamado preconceito linguístico, que será abordado melhor na seção 2.2.

Com o avanço dos estudos sobre a língua e a aquisição da linguagem, abriram-se novas possibilidades para que os professores trabalhassem com a questão do ensino de Língua Portuguesa na sala de aula, como aborda Zanini, quando fala

que o professor assumisse uma postura mais coerente com os rumos da própria história do País, uma postura de entender a gramática de forma necessária e contextualizada. [...] O contexto passa a ser referência para que o uso da língua, de certo e errado, passe a ser respeitado nas suas várias possibilidades, atribuindo-lhe uma perspectiva de adequação e de inadequação” (Zanini, 1999, p. 82-32)

A afirmação proposta por Zanini evidencia o quanto é importante que se tenha uma abordagem mais flexível e o mais contextualizada possível no que diz respeito ao ensino da língua, para que se tenha um respeito às diferentes formas de expressão linguística, e que venha a ser considerado todo o contexto sociocultural e histórico em que estes indivíduos estão inseridos. Ou seja, é de extrema importância utilizar o contexto como referência para o uso da língua, por isso Zanini (1999), destaca que a noção de certo e errado deve ser considerada em suas múltiplas possibilidades, destacando o papel da linguagem como uma perspectiva de adequação e inadequação. Por isso, é necessário reconhecer que a variação linguística e as variedades da língua no uso são justificáveis em seus contextos, o que nos mostra o quanto há diversidade da linguagem em sua execução, ou seja, suas práticas são ricas.

## **2.2 A variação linguística**

Ao pensarmos em variação linguística, automaticamente, nos vem à mente a noção de linguagem social. Isso porque na linguagem ocorrem diversas mudanças de acordo com o lugar em que o falante está inserido. Para tratar da questão das mudanças da língua, Coelho *et al.* (2015) destacam que existem 4 noções

diferentes, são elas: *variedade*, *variação*, *variável* e *variante*. No que tange à noção de variação, os autores estabelecem que é

o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. [...] A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes (Coelho *et. al.*, 2015, p.16).

Isso significa que a variação não interfere no bom funcionamento da língua e ao reconhecer essa característica inerente à língua estamos valorizando a imensa riqueza, que é a variação linguística, pois a nossa língua é tão rica e tão bem elaborada que mesmo com a diversidade de usos os falantes conseguem se comunicar perfeitamente de um lado ao outro do país. Ainda, sobre a questão da variação, Coelho *et al.* (2015) destacam que

[a]s diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (Coelho *et. al.*, 2015, p.16)

Ou seja, a forma de falar serve como uma identidade do falante, visto que é possível descobrir várias informações dos indivíduos de acordo com as características presentes na fala. Ao contrário do que, ainda, algumas pessoas pensam, a forma com que o indivíduo fala não significa que ele consiga pensar melhor ou pior que outros. Uma das grandes contribuições da sociolinguística<sup>1</sup>, sobretudo no que tange aos estudos relacionados à educação linguística, é o entendimento de que a variação não deve ser considerada como erro, visto que não existe erro de português como pensam os indivíduos destituídos de um conhecimento especializado na área.

Em relação à noção de *variedade*, podemos definir, de acordo com Coelho *et al.* (2015), como a fala característica de algum grupo específico, que pode ser dividida por classe social, aspectos geográficos, quando existe uma forma de falar diferente naquele local, a exemplo do falar nordestino. Ainda tem a variedade social, que abrange a questão da idade, sexo, variedade relacionada ao cargo que a pessoa exerce, pois existem lugares que exigem uma forma de falar diferente, como a linguagem da medicina, existe também a variedade que, normalmente é atribuída àquelas pessoas com mais prestígio social, chamada de variedades cultas.

No que tange à noção de *variável*, pode-se definir como o lugar na gramática onde é localizada a variação, como a exemplo da variação pronominal ao trocar os pronomes “tu” e “você” nos usos sociais da língua.

Por fim, a *variante* é concebida como as diferentes formas de falar uma coisa sem que mude o seu significado, com isso, Coelho *et al.* (2015) abordam que

---

<sup>1</sup> A Sociolinguística é o ramo da linguística que tem como interesse central o estudo a relação entre a língua e a sociedade. Um dos seus principais precursores foi William Labov, desenvolvendo pesquisas nas áreas de variação e mudança linguística e dialetologia.



existem dois requisitos para que possamos chamar de variante: “elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; elas devem manter o mesmo significado referencial/ representacional.” (Coelho *et al.* 2015, p.17). Um exemplo de variantes pode ser a monotongação dos ditongos, ao falar “*chero*” no lugar de cheiro não fará que o referencial/representacional da palavra mude, pois apesar de ter mudado a palavra ainda assim ambas continuam com o mesmo significado, que é o de sensação produzida pelo olfato. Estamos diante de duas variantes de uma variável: a utilização do ditongo [ey] e da vogal [e].

Existem diferenciações nas variantes, a *variante padrão* e a *variante não padrão*, as quais pertencem a classes sociais distintas, sendo a padrão de maior prestígio, visto que se baseia na norma culta, já a não padrão é julgada negativamente, por estar presente na fala de indivíduos mais vulneráveis, geralmente pessoas pobres e com baixo grau de escolaridade.

Para uma melhor explicação de como funcionam os usos da língua, Coelho *et al.* (2015) destacam que a variação não ocorre de forma aleatória, mesmo que a língua seja variável existem regras para essa variação. Ainda, os autores destacam que existem fatores que influenciam na fala do indivíduo, seja de forma externa à língua ou interna. Tais fatores são denominados de *condicionadores linguísticos* e *condicionadores extralinguísticos*, cujo papel, de acordo com Coelho *et al.* (2015), é ajudar o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Por sua vez, Bagno (2017, p. 214) estabelece que

...é preciso mostrar, em sala de aula, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também. É preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos monitorados (Bagno.)

Portanto, podemos concluir que, na língua, nada é por acaso e até para a variação linguística, algo que é plural e se tem uma maior liberdade de uso, existem regras a serem seguidas para um bom funcionamento, como também desmistificar os mitos a respeito das variedades da língua, como se as classes sociais menos prestigiadas fossem as únicas a utilizarem a variação, pois quando essas diferenças não são respeitadas, acontece o preconceito linguístico, assunto que iremos abordar na subseção seguinte.

### 2.3 Preconceito linguístico

Muito se discute acerca da importância de ter uma linguagem uniforme, no intuito de facilitar a comunicação e a compreensão, porém é necessário que haja um reconhecimento e respeito das variedades linguísticas. Quando esse fator não é respeitado, acontece o preconceito linguístico, que começa justamente quando não existe esse reconhecimento e respeito pela variação linguística presente na fala, uma vez que a língua falada não é homogênea.

Diante disso, nota-se que há um preconceito com a variação linguística no contexto escolar, pois tudo que foge do padrão pré-estabelecido, ou da norma culta, é apontado como erro do aluno. É de conhecimento geral que em cada parte do Brasil fala-se de uma forma diferente, seja no sotaque, seja nas diferentes variedades que a língua comporta, ou em virtude das questões sociais de cada indivíduo.

Sabemos que o preconceito linguístico é uma das formas mais comuns de discriminação social presente no país. A maneira tida como mais correta de se falar é a forma que a elite se comunica, o que vem a ser chamado de norma culta, que se baseia em um conjunto de regras normalmente dominadas por indivíduos que possuem um alto nível de escolaridade.

De acordo com Bagno (2007), um dos autores mais renomados quando se trata das discussões do preconceito linguístico e que eleva a importância de se haver o respeito à variedade linguística presente nos falantes da língua portuguesa, preconceito linguístico é todo juízo de valor negativo em relação aos usos linguísticos.

Podemos notar que quem mais sofre com o preconceito linguístico são as pessoas com menos prestígio social. Diante disso, devemos reconhecer a diversidade de formas de expressão linguística para o combate a esse preconceito, buscando quebrar os estereótipos linguísticos presentes na sociedade.

Bagno (2007) relata de forma bastante clara alguns dos tipos de preconceito linguísticos presentes no Brasil, abordando 8 mitos em relação à língua, os quais serão descritos a seguir:

O **primeiro mito** estabelece que “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Esse mito é apresentado como um dos mais prejudiciais, tendo em vista a diversidade da língua, pois sabemos que ela não é única e tal concepção deixa de lado toda variedade linguística presente no país. Sabemos que o português brasileiro é a língua oficial majoritária do Brasil, mas essa língua não é homogênea, visto que todos os indivíduos apresentam uma gama de variação em seus usos linguísticos.

O **segundo mito** relaciona-se à concepção equivocada de que “brasileiro não fala português. Só em Portugal se fala bem português”. A referida ideia advém do fato de o Brasil ser um país com misturas de muitas raças e culturas, com isso a língua não tem como ser diferente. O português brasileiro é a junção de várias línguas, daí a origem do mito, pois “uma raça que não é “pura” não pode falar uma língua “pura”, o que podemos questionar sobre o português do Brasil em relação ao de Portugal é que naturalmente o Brasil foi se distanciando da língua falada em Portugal e há muito tempo o Brasil já possui um dicionário próprio, que já se tem essa diferenciação, e que alguns linguistas chamam de “português brasileiro”, portanto não existe o melhor ou pior na questão da língua, apenas são diferentes.

O **terceiro mito** estabelece que “português é muito difícil”. No que tange a esse mito, Bagno (2007) explica que esse pensamento acontece porque as normas gramaticais brasileiras são muito ligadas às do português europeu, por isso muitas regras não fazem sentido para os brasileiros, pois ao passo

que a língua foi se modificando ocorreu que, o Brasil se distanciou consideravelmente das nomenclaturas da gramática portuguesa, tanto na fala, quanto na escrita e muitas das regras que revigoram por lá, já não são mais utilizadas cotidianamente pelos brasileiros. Dito isso, fica evidente que o português tem suas particularidades, como qualquer outra língua, mas não a torna extremamente difícil por isso.

O **quarto mito** estabelece que “as pessoas sem instrução falam tudo errado”, em que é explicado por Bagno (2007) que “o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”. Dessa forma, o referido autor estabelece que as pessoas com menos prestígio social sofrem preconceito por sua classe e por sua fala, simultaneamente, pois ao trocar sons como, ao invés de dizer “Claudia” pronunciar “Craudia”, eles sofrem preconceito linguístico social por serem reconhecidos como indivíduos que utilizam a língua de forma “feia”, “pobre”. Contudo, o autor exemplifica com o caso do grande escritor Luís de Camões, quando a língua portuguesa estava se formando na Lusitânia, onde ele afirma que lá eles também tiveram “problemas” como essas regras, pois em uma das suas obras mais conhecidas, o poema “Os lusíadas”, ele usa palavras como “ingrês”, “pubricar”, “frecha”, entre outros. Dito isso, Bagno (2007) ainda afirma que o fenômeno que aconteceu no português padrão, para que acontecesse o aperfeiçoamento da língua, também acontece no não padrão e se dá o nome de rotacismo. Por fim, o autor deixa evidente que “o problema não está em como fala, mas em quem fala”, explicitando que o preconceito não é linguístico, mas social.

O **quinto mito** apresentado por Bagno (2007) estabelece que “o melhor lugar que se fala português no Brasil é o Maranhão”. Esse mito se sustenta pelo fato de que no Maranhão ainda são utilizadas algumas regras de Portugal, como exemplo da utilização do pronome “tu”, visto que a maioria dos brasileiros substitui por “você”. Contudo, esse fato pode ser explicado quando voltamos a olhar para o passado e percebemos que essas características na fala de regiões diferentes ocorreram por um fenômeno histórico, que a depender do povo que emigrava para determinadas regiões do Brasil influenciaria na língua já falada, o que nos leva a entender que, no caso do Maranhão, a influência linguística maior foi de portugueses, assim como encontramos dialetos do italiano, do inglês e de outras nacionalidades na referida região, o que explica a pluralidade da diversidade linguística presente no Brasil, tudo vem de um processo histórico. Para enfatizar que não existe lugar que se fala melhor no Brasil, Bagno (2007) pontua que

é preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam (Bagno, 2007, p.51).

Com isso, o autor defende que a variedade linguística faz parte da nossa cultura e a enriquece, e não existe fala de maior valor, pois todas são importantes para a comunicação e legítimas. Isso nos leva a entender que todas as regiões do país tem sua forma própria de falar o que faz ser uma espécie de identidade cultural daquela de cada região.

O **sexto mito** estabelece que “o certo é falar assim porque se escreve assim”. Esse mito surgiu quando gramáticos buscaram tratar a língua como sistema homogêneo, sem distinção da ortografia e da fonética, ou seja, a escrita e a fala. A ortografia deve ser utilizada para uma finalidade específica, que, de forma geral, decorre de uma situação que exige um uso mais formal, como os textos que se desenvolvem na esfera acadêmica, por exemplo. Uma pessoa pode utilizar usos linguísticos considerados errados do ponto de vista ortográfico/gramatical tradicional, mas monitorar tais usos a depender da necessidade contextual, como quando necessita produzir sentidos através de uma escrita formal. O referido mito é completamente equivocados, visto que na língua existem inúmeras formas de falar da mesma coisa e no mesmo contexto, porém não necessariamente usando as mesmas palavras, ao passo que “a língua escrita, por seu lado, é totalmente artificial, exige treinamento, memorização, exercício, e obedece a regras fixas, de tendência conservadora, além de ser uma representação não exaustiva da língua falada.” (Bago, 2007, p.55), portanto como traz Bago (2007),

temos de desconfiar desses livros que se autodenominam “Gramática da língua portuguesa” sem especificar seu objeto de estudo. A “língua portuguesa” que eles abordam é uma variedade específica, dentre as muitas existentes, que têm de ser designada com todos os seus qualificativos: “Gramática da língua portuguesa escrita, literária, formal, antiga”. Todos os demais fenômenos vivos da língua falada e de outras modalidades da língua escrita são deixados de fora desses livros (Bago, 2007, p. 61).

O **sétimo mito** estabelece que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem”. Tal ideia, presente no imaginário das pessoas leigas no que tange ao conhecimento linguístico do ponto científico, é questionada por Bago (2007), ao dizer que “se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática”, o que sabemos que não é bem assim. Nesse mito, o linguista vem enfatizando que não necessariamente precisamos ter domínio da norma culta para nos comunicarmos de forma eficaz, pois a língua é complexa e dinâmica. Não podemos descartar a utilidade da gramática, mas isso não pode ser tido como regra para falar e escrever bem, pois na prática são levados em conta vários aspectos e contextos distintos.

Por último, o **oitavo mito** estabelece que “o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”, isso para justificar que a utilização dessa

norma padrão de gramática sirva para que esses alunos venham a ser mais aceitos na sociedade. Entretanto, é de conhecimento de todos que na prática não funciona dessa forma, e que essa é só mais uma desculpa para que se continue essa prática desatualizada de se ensinar gramática. Embora seja de grande importância esse domínio em alguns ambientes em que seja necessário um maior preparo, ambientes mais formais, deve-se manter um equilíbrio entre saber da importância dessa norma culta e o respeito com a diversidade linguística.

Muito já se avançou na tentativa de haver aceitação das diferenças, notamos isso quando encontramos essa problemática sendo reconhecida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) quando destacam que

muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa (Brasil, 1997, p. 31).

Assim como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), que também lida com essa questão da variação linguística ao reconhecer as diversas formas que a língua pode se manifestar, instituindo diretrizes para o ensino, no intuito de que a diversidade linguística seja respeitada. Estas questões estão relacionadas às competências e habilidades do ensino fundamental e médio presentes na BNCC como:

Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (Brasil, 2018, p.87).

(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos (Brasil, 2018, p.113).

Dessa forma, nota-se que já existe essa preocupação de saber como o ensino está lidando com a variação linguística. Como também, estão presentes na relação entre fala e escrita:

Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.

• Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros.

- Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto (Brasil, 2018, p.80).

Portanto, podemos observar que nesse eixo também trata da questão da variação linguística para um melhor desenvolvimento escolar. Porém, na realidade, ainda há muito o que se fazer para que o ensino de Língua Portuguesa venha reconhecer as particularidades presentes na fala dos aprendizes e se torne cada vez mais inclusiva, começando com a contextualização do ensino e aceitação das minorias.

Os mitos que foram criados e perpassados pela sociedade ainda estão muito vivos no imaginário social, e na escola não seria diferente. O que poderia ser um lugar de apoio e de quebra dessa barreira, pode se tornar em um lugar onde mais se ocorre esse preconceito velado, camuflado, quando se trata da forma de comunicação dos alunos/falantes, pois lá é onde se ensina todas as regras da gramática tradicional, mas não se ensina que todos já entram na escola falando a língua, pelo contrário, se aprende que apenas quando se domina a gramática tradicional é que se aprende, de fato, a língua. Essa é uma ideia que foge totalmente do controle sobre o certo e o errado.

Ao analisarmos todos esses exemplos de preconceito linguístico, verificamos que isso corrobora o que foi exposto anteriormente, servindo como uma forma de privilegiar as classes sociais dominantes que estão no topo da hierarquia do país. Porém, se esse fator de domínio da gramática tradicional fosse parâmetro para sucesso social e financeiro, teríamos os professores de língua portuguesa como exemplos de prestígio social e estariam sendo os profissionais com melhores remunerações do mercado, o que não se estabelece como uma regra categórica. Diante disso, na seção seguinte, abordaremos acerca do português brasileiro e o ensino no contexto atual.

#### **2.4 O português brasileiro e o ensino no contexto atual**

O ensino de língua portuguesa atrelado ao ensino de gramática contextualizada ainda é pouco desenvolvido atualmente, visto que continua a se seguir um padrão tradicional que já se sabe que não é o mais adequado para uma aprendizagem de qualidade, pois se trata de um ensino excludente, o qual não se tem um cuidado com as particularidades dos falantes.

A referida problemática pode ser visualizada quando um professor tem sua metodologia de ensino pautada em aplicar o conteúdo que deseja ser ensinado aos seus alunos a partir dos conceitos pré-concebidos e, após isso, é desenvolvida uma breve leitura do que está sendo apresentado, demonstrando como deve ser feito para que eles consigam êxito na resolução das atividades; em seguida, aplicam estes exercícios para seus alunos por diversas vezes para fixação do conteúdo; por fim, os alunos são induzidos a decorar aquelas nomenclaturas gramaticais passadas por meio desse padrão pelos professores, respondendo os exercícios estabelecidos para aqueles fins, mas deixando de lado todo um contexto acerca daquilo que está sendo proposto.

A BNCC traz uma ressignificação em relação a tal abordagem, visto que tem como um de seus principais objetivos promover uma educação inclusiva, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/1996, lei essa que rege a educação básica nacional, orientando acerca de como se deve trabalhar o ensino de linguística com

os alunos. Esse é o ponto principal para ser analisado e trabalhado em conjunto com o ensino da gramática. Assim, aplicando conteúdos elaborados de forma contextualizada, pode-se obter um maior entendimento do aluno por determinadas questões da língua, mesmo por aqueles que tenham uma certa dificuldade com a gramática, pois haverá um ensino voltado para a realidade desses alunos.

Um ensino produtivo de gramática caracteriza-se também pelo desenvolvimento das funções cognitivas superiores (Vygotsky, *apud*. Casseb-Galvão, Neves, 2017). Ou seja, vai muito além do aprendizado da gramática tradicional, mas tratando com cuidado dos fatores externos, os valores sociais, econômicos, culturais, ou seja, as particularidades de cada aluno, visto que ao ter esse cuidado o ensino tende a desenvolver uma melhor fixação do conteúdo. Assim como defende Antunes (2014, p.113) que, ao explicar o que se entende por gramática contextualizada define que “uma gramática contextualizada caberia muito bem essa postura questionadora, ou essa postura de correlacionar o que diz a gramática com o que, de fato, se usa no dia a dia de nossa atividade de falantes.” Tal afirmação nos leva a compreender que vai muito mais além do certo e do errado como normalmente se é ensinado nas salas de aula, é mais uma questão de compreender a diversidade de possibilidades de usos a depender da situação comunicativa, e isso é o que deve ser passado para os alunos.

Não deve ser uma questão de separar quem consegue compreender as regras de quem não consegue obter esse domínio, mas de acolhimento às particularidades de cada um em seu entendimento de mundo, pois de nada adianta aplicar um conteúdo que não terá significância para o futuro desses sujeitos e que serão esquecidos brevemente por eles, pois, como Antunes (2014) apresenta, esse tipo de ensino perde o sentido depois do dia da prova.

Visto que o referido ensino só é válido naquele período de tempo e para aquele ambiente em específico, da forma mais genérica, com frases totalmente soltas, onde não faz sentido nenhum de se utilizar em outros momentos que não seja para a fixação daquele conteúdo em si, o que desconsidera, novamente, o uso daquele conteúdo em seu convívio com a sociedade e é por isso que Antunes (2014, p.33) vem abordando esse assunto salientando que “[...] somente na escola, a gente escreve para ninguém [...]”, pois de nada nos serve saber formular uma frase se não conseguirmos explicar ou entender em que aquilo se pode ser aplicado no nosso meio social, não se sabe para quê; para quem; ou o porquê de uma frase solta como quando se pede para localizar um verbo em: “O menino saiu correndo”. É um ensino fragilizado e uma aprendizagem que não contribui muito com o desenvolvimento, pois não se encontra nenhum caminho para utilização desse tipo de conhecimento na vida social dos alunos. Assim como não influencia em nada na questão de interpretação, pois nada se sabe sobre esse “menino”, porque é retirado do aluno o ato de questionar sobre o que se passa nesse determinado recorte de texto, uma vez que a frase nada diz.

É com essa realidade que ao iniciar a vida docente já nos deparamos com alunos acostumados com essa prática de ensino totalmente ligado ao ensino de gramática tradicional e descontextualizado, uma vez que eles mesmos já fazem os questionamentos acerca das atividades passadas em sala e perguntas como “isso vai cair na prova?” são as mais ouvidas dentro da sala de aula, ou quando outro tipo de atividade que não seja sobre copiar e responder já os causa estranhamento, como se já tivesse interiorizado que se não for daquela forma não será possível que eles consigam ter uma aprendizagem produtiva, o que nos faz ter a convicção de que esse modelo de ensino ainda está longe de acabar, pois os próprios alunos

acreditam que precisam ser ensinados nessa forma de centralização da aprendizagem da gramática tradicional, e que só por meio dela que poderão se destacar na vida.

Diante dessa problemática, é preciso repensar os métodos usados para incluir os aprendizes de uma forma que eles não se sintam excluídos da sociedade, pois é notório que, cada vez mais, os alunos com menos domínio da gramática tradicional vem se desmotivando em sala, o que os tornam mais “atrasados” nos conteúdos passados em sala.

Quando não se há um estímulo para que esse aluno venha a desenvolver, primeiramente, seu conhecimento sobre os usos da sua linguagem oral, pode ser bastante prejudicial, tanto para sua vida escolar, como para o seu social, pois geralmente essa pessoa tende a se inferiorizar diante das demais.

A falta de interesse dos jovens na leitura e na escrita tem despertado bastante preocupação nos últimos anos, porém pouco se tem feito para que essa realidade seja mudada, justamente pelo fato de que esses jovens são estimulados apenas para o ensino da gramática tradicional, pois se tem isso como um parâmetro para o sucesso na aprendizagem, como retrata o Professor Ataliba Teixeira de Castilho:

Têm sido sistemáticas as reclamações da mídia e dos "consultórios gramaticais" a respeito de um suposto desinteresse dos estudantes pela escrita e pela leitura. Mesmo assim, continua-se a insistir em que o ensino da gramática vai dar um jeito nisso (Castilho, 2010, p. 101 *apud* Antunes, 2014, p. 43).

Isso acontece, principalmente, por querer impor que a gramática tradicional exerça o grande papel de prestígio, acreditando-se na falsa ideia que saber suas regras é suficiente para que se tenha sucesso em todas as áreas da linguagem, seja na escrita, na leitura ou na fala. Mas, como ressalta Perini (2010, p. 18), “esperar do estudo da gramática que leve alguém a ler ou escrever melhor é como esperar do estudo da fisiologia que melhore a digestão das pessoas”, o que evidencia que a aprendizagem da gramática tradicional não serve como parâmetro para se avaliar criticamente a forma como um falante domina a língua, pois é de conhecimento geral, que muitas pessoas possuem uma boa oratória, leem perfeitamente, mas que não possuem domínio da gramática tradicional. Porém, é preciso que os alunos saibam como utilizar as regras da referida gramática, como coloca o linguista Bagno (2020), em uma entrevista concedida ao canal do *YouTube* da Abralín, ao afirmar que

é necessário que os alunos conheçam e entendam a variação linguística e respeite linguisticamente as pessoas, mas que também tenham acesso à norma de referência, compreendam suas funcionalidades e conheçam e dominem suas características, a normatização da escrita monitorada (Bagno, 2020).

Em virtude do que foi exposto, pudemos observar que as questões que giram em torno da variação linguística, apesar de já terem ocorridos alguns avanços, ainda há muito trabalho pela frente para que possamos ter um algo mais concreto que vise incluir o conhecimento e reconhecimento da variação no ensino de língua



portuguesa como uma característica legítima e inerente à língua, uma vez que o Brasil não é um país monolíngue, é preciso ter um conhecimento maior acerca da variedade linguística para que gradualmente seja incluso o respeito pelas diferentes formas de se comunicar através da língua.

Para um maior entendimento sobre essas práticas no ensino de língua portuguesa, iremos, na seção seguinte, apresentar os passos metodológicos utilizados na presente pesquisa.

### 3. METODOLOGIA

Retomando a nossa proposta, a pesquisa tem por objetivo geral investigar como se desenvolve o ensino de Língua Portuguesa em escolas públicas localizadas no brejo paraibano, levando em consideração a variação linguística. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: (i) investigar como se dá o tratamento da gramática tradicional no contexto regular de ensino; (ii) observar de que forma a variação linguística presente na fala dos alunos é tratada no âmbito escolar; (iii) analisar em que medida há preocupação por parte dos professores em relação às questões extralinguísticas em sala de aula.

Diante disso, essa pesquisa segue uma abordagem de cunho qualitativo, de caráter descritivo, que consiste na obtenção de dados reais para um melhor desenvolvimento da pesquisa. De acordo com Gil, (2002), a pesquisa qualitativa

depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (Gil,2002,p.133).

Além da abordagem qualitativa, a pesquisa segue um caráter descritivo, que tem como o seu objetivo principal, segundo Gil,

a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil,2002,p.42).

Com a utilização desse método a pesquisa passa a ter uma coleta de dados mais significativa para o pesquisador, pois busca descrever com mais precisão os dados coletados. Como destaca Godoy (1995), que a pesquisa qualitativa é descritiva, visto que

a palavra escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos

dados quanto na disseminação dos resultados. Rejeitando a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, videoteipes, desenhos e vários tipos de documentos. Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo (Godoy,1995,p.62).

Para o desenvolvimento do estudo, foi feita uma coleta de dados, para isso foram selecionados 3 professores de escolas públicas de diferentes faixas etárias e com tempo de carreira distintos, no intuito de fazer um levantamento de dados no que diz respeito a como é a abordagem do ensino de Língua Portuguesa pelos referidos profissionais e como estes lidam com a variação linguística apresentada por seus alunos.

A escolha dos professores de faixa etária distinta e tempo de sala de aula diferente tem como finalidade analisar, de que forma, ao longo do tempo, os professores lidam com a temática da variação linguística, como também observar o *status* que a gramática tradicional ocupa em suas aulas.

Os dados foram coletados mediante um questionário por meio da plataforma digital do *Google* o *Google formulários*, enviado aos participantes via *WhatsApp*.

Por questões éticas, os professores analisados são identificados como: professor A, professor B e professor C.

Os quadros a seguir mostram uma descrição dos participantes e do instrumento de coleta utilizados na pesquisa.

### 3.1 Participantes

**Quadro 1: Descrição dos participantes**

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação profissional</b>	<b>Tempo de atuação</b>
Professor A	57 anos	Letras Português	38 anos
Professor B	20 anos	Letras Português	1 ano
Professor C	48 anos	Letras Português	23 anos

Fonte: a autora (2024)

### 3.2 Instrumento de coleta

A seguir, no Quadro 2, apresentamos o questionário disponibilizado pelo *Google Forms* para preenchimento dos participantes.

**Quadro 2: Questionário para os professores de língua portuguesa**

1: Quais estratégias você utiliza para ensinar gramática aos seus alunos?

2: Para você qual/quais as dificuldades de ensinar gramática?

3: Seus alunos gostam de suas aulas de gramática?
4: Como você lida com a variação linguística na fala de seus alunos?
5: Como você lida com a variação linguística na escrita de seus alunos?
6: Na sua opinião, de que forma o ensino de gramática irá ser útil na vida de seus alunos?
7: Você mudaria algo em relação ao ensino de língua portuguesa atualmente? O quê? Por quê?
8: O que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Língua Portuguesa?

Fonte: a autora (2024)

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, apresentamos, no Quadro 3, as respostas dos participantes para as duas primeiras perguntas do questionário. Em seguida, faremos a análise e discussões das referidas questões.

Questão 1: Quais estratégias você utiliza para ensinar gramática aos seus alunos?

Questão 2: Para você qual/quais as dificuldades de ensinar gramática?

**Quadro 3: Respostas das questões 1 e 2**

<b>Professores</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>
<b>Professor A</b>	por meio de leitura de textos atividades orais e escritas	A falta de conhecimento prévio do aluno.
<b>Professor B</b>	Utilizo elementos lúdicos como jogos, músicas, vídeos..	A “mesmice” ou a abordagem tradicional do ensino. A forma com a qual a gramática é ensinada em sala de aula, gera, muitas vezes, um cansaço mental nos discentes e isso conseqüentemente acarreta no mau desempenho dos mesmos
<b>Professor C</b>	Através dos gêneros textuais.	Fazê-los compreender as exceções.

Fonte: a autora (2024)

Previamente, foi perguntado aos participantes informações sobre a idade, tempo de trabalho, formação profissional e quantas aulas de Língua Portuguesa seus alunos têm durante a semana para que pudéssemos entender melhor sobre esses profissionais.

Analisando-se as respostas concedidas para as Questões 1 e 2, podemos notar que, mesmo sendo formados na área em diferentes épocas, ainda se repete o ensino da gramática tradicional isoladamente na sala de aula, pois apenas o Professor C responde que não há nenhuma aula de Língua Portuguesa em que se trabalhe apenas conteúdos da gramática tradicional isoladamente.

Após a análise dessas respostas, podemos ter um pouco mais de conhecimento de como funciona o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no que tange aos conteúdos da gramática tradicional. No caso dos professores consultados, existem diferentes tipos de abordagem para que seja passado o ensino de gramática. Assim, o Professor A afirma utilizar leitura de textos, atividades orais e escritas. Em relação ao Professor B, é possível inferir que o caminho da ludicidade se faz presente em suas práticas pedagógicas, buscando passar o conteúdo através de jogos, músicas e vídeos, o que pode tornar a aula menos cansativa. Já o Professor C afirma utilizar os gêneros textuais em sua prática docente, o que nos possibilita refletir que tal abordagem pode estar baseada no contexto de uso da língua.

Diante das maiores dificuldades de ensinar gramática tradicional, se destaca a resposta do Professor A, ao afirmar que a maior dificuldade enfrentada sobre o ensino da referida gramática é a falta de conhecimentos prévios dos alunos, o que já foi discutido neste trabalho, quando insistimos que o ensino da gramática de forma descontextualizada apenas serve para o aluno na hora da prova, pois esse conhecimento se esvai com o tempo. Já o Professor C discorre acerca da abordagem tradicional do ensino de gramática e reitera que essa prática gera cansaço mental nos alunos e acarreta o seu mau desempenho no que diz respeito à gramática tradicional. No entanto, o Professor C considera que o mais difícil é fazer os alunos compreenderem as exceções da língua. Isso nos leva a levantar hipóteses sobre o que o Professor C quis dizer sobre essas exceções, pois o mais provável seja que ele esteja se referindo às regras que fogem da gramática tradicional aplicado a alguns usos, como a exemplo da crase na palavra “àquele”, quando há exposto nas regras gramaticais que palavras masculinas não possuem crase, pois quando existe um elemento que peça o uso da preposição “a” é necessário ser incluso o acento grave (a + aquele = àquele), como na frase: não me refiro a esta pesquisa, mas àquela.

A seguir, no Quadro 4, apresentamos as respostas para a Questão 3.

Questão 3: Seus alunos gostam de suas aulas de gramática?

**Quadro 4: Respostas da questão 3**

<b>Professores</b>	<b>Questão 3</b>
<b>Professor A</b>	Gostam. Depende muito da dificuldade que encontram na hora de produzir textos.

<b>Professor B</b>	Gostam quando a aula de gramática é lecionada de um modo interativo, como, por exemplo, com uma gincana de classes gramaticais, ou uma música sobre o uso da vírgula ou, ainda, o nome deles como exemplos nas avaliações.
<b>Professor C</b>	Sim

Fonte: a autora (2024)

Diante dessas respostas, podemos observar que os alunos gostam mais das aulas de gramática quando se sentem protagonistas, o que faz eles terem um interesse maior nos assuntos abordados. Com base na resposta do Professor A, podemos considerar que nos outros eixos esses alunos têm maior facilidade de aprendizagem, nos fazendo questionar se, realmente, essa é a maior dificuldade dos aprendizes ou se a dificuldade da produção de texto não é um reflexo dos demais eixos de ensino em que ocorre um ensino mecanizado. Na resposta do Professor B, nos mostra que ele já tem um certo cuidado no ensino de gramática, pois aborda os temas de forma contextualizada, contribuindo para um ensino de qualidade, no entanto, ainda fica o questionamento sobre como o professor visa compreender se os alunos conseguiram atingir o objetivo esperado, logo no uso de uma forma de ensino alternativo, é preciso, também, incluí-lo no planejamento final das aulas, para saber se os alunos compreenderam o assunto em sua avaliação. Já o Professor C não dá detalhamento sobre o porquê de os alunos gostarem de suas aulas. Portanto, fica evidente, após as respectivas respostas, que para que os alunos tenham mais interesse nas aulas de gramática é preciso, de modo complementar, que o professor desenvolva técnicas que deixem as aulas mais interativas, para fixar a atenção dos alunos e para instigá-los ao conhecimento. É preciso utilizar a gramática considerando todos os contextos de vivência do aluno.

A seguir, no Quadro 5, apresentamos as respostas dos professores para a Questão 4.

Questão 4: Como você lida com variações linguísticas na fala de seus alunos?

Quadro 5: Respostas da questão 4

<b>Professores</b>	<b>Questão 4</b>
<b>Professor A</b>	Fazendo correções quando necessário e enfatizando que o falar “certo ou errado” depende de várias situações.
<b>Professor B</b>	Eu os encorajo a não perderem a essência que lhes foi incubada desde o nascimento. Há uma liberdade linda na oralidade, pois a mesma permite que as variações sejam vistas e retratadas em

	suas mais distintas acepções. Em oposição a isso, no entanto, a escrita possui um caráter mais elitista e constante - algo que, para muitos, é imutável. Meus alunos, a princípio, tinham medo de escrever devido ao temor do erro, mas, depois que cheguei, os ensinei que não há erro, mas sim inadequações que podem, suavemente, serem modificadas.
<b>Professor C</b>	Mostrando a diferença da linguagem coloquial para a linguagem padrão.

Fonte: a autora (2024)

Ao se analisarem as respostas para a Questão 4, percebe-se que os Professores A e C responderam que mostram aos alunos as situações de uso onde pode se utilizar cada tipo de linguagem, que pode estar voltada para uma situação mais formal ou mais informal, ou seja, a linguagem coloquial. No entanto, a professora A admite que faz correções nas falas dos seus alunos quando acha necessário, o que nos leva a entender que há uma problemática muito pertinente no que diz respeito ao respeito à diversidade linguística dos alunos, visto que a utilização da norma padrão não se mostra necessária em toda e qualquer situação, sobretudo em situações orais que não exigem a utilização de registros mais formais. Já o Professor B levanta justamente essa questão do cuidado e respeito com as variedades linguísticas, encorajando seus alunos a terem essa liberdade linguística e retificando que não existe erro de português, mas sim inadequações referentes ao uso padronizado pela norma gramatical tradicional brasileira.

A seguir, no Quadro 6, apresentamos as respostas referentes à Questão 5.

Questão 5: Como você lida com a variação linguística na escrita de seus alunos?

**Quadro 6: Respostas da questão 5**

<b>Professores</b>	<b>Questão 5</b>
<b>Professor A</b>	Fazendo correções necessárias de forma individual e coletiva.
<b>Professor B</b>	A questão também fora respondida anteriormente: lido da melhor forma possível, pois a variação faz parte da vida social de todo sujeito falante.
<b>Professor C</b>	Fazendo as adequações para a norma padrão (concordância, regência, acentuação...)

Fonte: a autora (2024)

No que tange à resposta do Professor A para a referida questão, chamou a nossa atenção o uso do termo “correção” no que diz respeito ao tratamento da variedade linguística dos alunos. Em relação ao Professor B, novamente reitera que a variação linguística “faz parte da vida social de todo sujeito falante”, neste ponto não cita seus métodos de ensino. Já o Professor C nos apresenta o termo “adequações”, o que nos faz entender que esse professor tem um maior cuidado com o aluno, pois apesar de ensinar as regras exigidas pela gramática tradicional, não vê como erro do aluno, mas parece trabalhar de forma a conscientizar os aprendizes quanto à normalidade da variação e como adequar a linguagem em suas diferentes formas de uso.

Podemos, aqui, levantar a questão da idade e tempo de trabalho dos professores, pois o que temos visto até aqui é que o Professor A, que tem mais idade e mais tempo de atuação profissional, demonstra com bastante frequência que a fala dos alunos precisam ser corrigidas, e não cita que existem contextos específicos para uso de linguagem formal e informal, professor esse que tem apenas uma graduação e não possui nenhuma formação continuada ou especialização. Em contrapartida, o Professor B, que é recém-chegado à vida docente, já demonstra ter um cuidado maior com as questões linguísticas de seus alunos, e o Professor C, que possui graduação e especialização e com um tempo de trabalho próximo ao professor A, apresenta ter um conhecimento mais amplo sobre como lidar com as características linguísticas de seus alunos, o que nos leva a considerar que, para que professores possam estar sempre atualizados sobre as questões sociolinguísticas e sobre os estudos mais recentes sobre como lidar com a variação linguística no ensino é importante sempre estar buscando meios de se renovar e ressignificar suas práticas pedagógicas.

A seguir, no Quadro 7, apresentamos as respostas referentes à Questão 6.

Questão 6: Na sua opinião, de que forma o ensino de gramática irá ser útil na vida de seus alunos?

**Quadro 7: Respostas da questão 6**

<b>Professores</b>	<b>Questão 6</b>
<b>Professor A</b>	Na hora de escrever, produzir, na leitura e na fala.
<b>Professor B</b>	O ensino da gramática adequado os ajudará a, num futuro próximo, conseguirem um emprego e posicionarem-se bem socialmente, tendo em vista que, infelizmente, a língua escrita e falada na norma padrão é sinônimo de status e poder.
<b>Professor C</b>	Para o ingresso numa Universidade, pois o ENEM exige a norma padrão para a Redação.

Fonte: a autora (2024)

Novamente, o Professor A afirma que o ensino da gramática é base importante para a fala dos seus alunos, além de ser útil na prática da escrita, o que, mais uma vez nos faz questionar se tal postura apresenta um preconceito com as diferentes formas de uso linguístico. Em contrapartida, o Professor B mostra que o conhecimento gramatical será importante para quando esses alunos forem se inserir no mercado de trabalho, em seguida traz pontos abordados na seção de preconceito linguístico, trazendo a questão dos mitos em relação à linguagem, quando responde que a língua, seja falada ou escrita, é sinônimo de *status* e poder. No entanto, o Professor C destaca que o ensino da gramática servirá para o seu ingresso na universidade, pois os vestibulares exigem conhecimento das regras da gramática tradicional.

Com base nas respostas dos participantes para essa questão, fica claro que os professores divergem, tendo cada um uma visão diferente dos tais benefícios que o ensino da gramática poderá trazer ao futuro dos alunos, destacando-se a resposta do Professor A, ao deixar explícito que o ensino de gramática ajudará ao aluno na questão da fala, o que nos leva a entender que esse professor se baseia no viés de língua homogênea, já o Professor C se mostra preocupado com a questão da gramática, pois ela serve para que o aluno alce voos mais altos na vida acadêmica, o ajudando com as regras para um melhor desempenho na hora da prova.

A seguir, no Quadro 8, apresentamos as respostas dos participantes para a Questão 7.

Questão 7: Você mudaria algo em relação ao ensino de língua portuguesa atualmente? O quê? Por quê?

**Quadro 8: Respostas da questão 7**

<b>Professores</b>	<b>Questão 7</b>
<b>Professor A</b>	Mudaria sim. Isso dependeria do público, das condições que a escola tem para oferecer, da situação financeira, etc
<b>Professor B</b>	Eu procuro deixá-lo mais acessível e palpável. Elimino a sensação de que o mesmo encontra-se num pedestal e que não pode ser modificado ou sequer tocado.
<b>Professor C</b>	Teria uma visão mais para a linguística

Fonte: a autora (2024)

Quando perguntados sobre a possibilidade de mudanças no que tange ao processo de ensino da Língua Portuguesa, o Professor A respondeu que realizaria mudanças, mas não deixou claro como seria essa mudança. Já o Professor B destacou que faria do ensino algo mais acessível e a Professora C afirma que gostaria que fosse voltado para o eixo da linguística, o que nos mostra que o



Professor C se preocupa mais com a questão da pluralidade da língua, deixando evidente que se interessa em cuidar da individualidade de seus alunos.

Essas respostas nos demonstram que já ocorre um desconforto por parte dos professores a respeito da gramática, o que nos faz acreditar que essa é uma realidade que, aos poucos, poderá ser mudada, pois os professores recém-formados ou com estudos posteriores a sua formação, tem buscado trabalhar sob o viés de uma linguagem mais contextualizada, tendo em vista que a linguagem e a gramática são o complemento uma da outra, pois, como deixa claro Antunes (2014):

a gramática não é algo que existe fora do uso da linguagem, assim como não é possível o uso da atividade verbal sem o concurso simultâneo de todos aqueles estratos-do fonológico ao pragmático - imbricados, integrados, repito, como se fossem uma coisa só. [...] falar de "linguagem contextualizada" ou de "gramática contextualizada" é um tanto quanto redundante, uma vez que, como atividade de interação social, a linguagem nunca ocorre isoladamente, fora de qualquer contexto; a gramática somente ocorre como parte de uma atividade verbal particular (Antunes, 2014, p.40).

Portanto, ao levarmos em conta, o estudo unificado dos dois contextos, ambos podem contribuir positivamente para a questão relacionada ao ensino-aprendizagem, pois, assim, se trabalharia visando a inclusão de todos os alunos, em suas diversidades.

A seguir, no Quadro 9, apresentamos as respostas referentes à Questão 8.

Questão 8: O que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Língua Portuguesa?

**Quadro 9: Respostas da questão 8**

<b>Professores</b>	<b>Questão 7</b>
<b>Professor A</b>	Ouvir a leitura dos textos e conversar sobre o tema apresentado. Se for do interesse dos mesmos.
<b>Professor B</b>	Falar e expressar o que entenderam a seu modo.
<b>Professor C</b>	Produzir.

Fonte: a autora (2024)

A última pergunta feita aos professores foi sobre o que os alunos mais gostam nas aulas de Língua Portuguesa. O Professor A responde que os aprendizes gostam de ouvir e debater os textos, demonstrando um perfil ativo e participativo. Isto pode ser entendido como de suma importância na ressignificação do ensino de gramática. O Professor B afirma que seus alunos gostam de expressar sobre seu entendimento do assunto, apresentando que em sua sala de aula, no que tange ao ensino da gramática, costuma considerar a pluralidade de opiniões instigadas ali acerca do conteúdo lecionado, então, construindo em conjunto com os alunos os conhecimentos em sala. Já o Professor C destaca que seus alunos gostam de

produzir, aludindo que sua forma de ensino da Língua Portuguesa pretende confirmar aos alunos que o apreendido comumente resulta em algum tipo de produção. As respostas de todos os professores demonstram que os alunos gostam de se sentir protagonistas no ambiente escolar, o que é necessário para a aprendizagem, pois, de acordo com Alves (1994): “só vai para a memória aquilo que é objeto do desejo. A tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda” (Alves, 1994, p. 70).

Sendo assim, os alunos precisam ter um cativado desejo para aprender, e esta constante busca pelo conhecimento deve ser veementemente mediada pelo professor, para que os aprendizes se empenhem em buscar, cada vez mais, conhecimentos, visto que nós aprendemos com mais facilidade aquilo que nos é cobijado e quando se aprende, de fato, esse conhecimento não se esvai, mas fica guardado na memória de forma positiva.

#### **4.1 Síntese das respostas dos participantes**

Perante a exposição dessas informações, podemos compreender que ainda há muito o que se fazer para que se tenha um ensino que considere as diferenças sociais e culturais presentes em sala de aula. Notamos que alguns professores ainda usam o termo “correção” ao se referirem à variação linguística, estabelecendo as regras estabelecidas pela gramática tradicional como o único uso legítimo da língua.

Diante disso, é importante destacar algumas características dos professores de três estágios de formação docente: o Professor A é totalmente voltado à gramática tradicional em seu fazer docente e isso pode ser um reflexo do tempo de atuação profissional, visto que, dos três participantes, é o mais antigo, com 38 anos de atuação. Nesse sentido, é interessante pontuar que vários fatores podem influenciar tal postura, como, por exemplo, os conteúdos que o referido profissional teve acesso em sua formação inicial.

No que tange ao Professor B, que é o mais recente em termos de atuação profissional, apenas com 1 ano de serviço, é possível perceber um maior cuidado e preparo em relação a um trabalho com a linguagem voltado para uso e reflexão linguística.

Em relação ao Professor C, que apresenta 23 anos de atuação profissional, foi possível perceber que o referido profissional também demonstra ter um cuidado maior em sua forma de ensinar sobre gramática aos alunos, pois seu método de ensino se volta não somente para as regras da gramática tradicional, mas evidencia também a questão da variação linguística como um componente essencial para o desenvolvimento comunicativo dos aprendizes. Vale salientar que, apesar de apresentar um tempo considerável de formação, o referido profissional passou por outros estágios de aquisição formal de conhecimento, mediante o curso de formações continuadas, o que se mostra como um fator positivo e necessário para qualquer atuação profissional.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desta pesquisa, buscamos nos adentrar nas questões da variação linguística e o ensino de língua portuguesa, a fim de investigar como está sendo o ensino da gramática tradicional em algumas escolas paraibanas, observar se existe um cuidado com a variação na fala dos alunos e analisar como os professores lidam com as questões sociais dos aprendizes.

Com base nisso, foi feita uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, mediante um levantamento de dados através de um questionário aplicado com três professores com período de atuação profissional distinto, a fim de investigar se tal distinção influencia na forma como os referidos profissionais lidam com a gramática tradicional e a variação linguística em sala de aula.

No que tange os objetivos elencados nesta pesquisa, pudemos evidenciar que no que diz respeito ao objetivo um, “investigar como se dá o tratamento da gramática tradicional no contexto regular de ensino”, ficou explícito que, apesar de muito já ter avançado o estudo do ensino de gramática contextualizado e inclusivo, ainda pudemos notar que alguns professores ainda centralizam estratégias de ensino da gramática de forma não contextual, por colocar o professor como único portador de conhecimento e que precisa corrigir todos os desvios gramaticais de seus alunos, seja na escrita ou na fala.

Já no segundo objetivo, que buscou “observar de que forma a variação linguística presente na fala dos alunos é tratada no âmbito escolar”, tornou-se evidente que professores com mais tempo de sala de aula e sem estudos mais recentes, como especialização, tendem a considerar a variação linguística presente na fala dos alunos como algo a ser tornado padrão, desconsiderando as múltiplas variedades existentes na língua, já os professores formados recentemente e os que buscam se atualizarem por meio de formação continuada demonstram não desconsiderar as diferenças presentes na fala dos alunos, o que favorece uma maior interação por parte dos aprendizes.

No terceiro objetivo específico, nos propusemos “analisar em que medida há preocupação por parte dos professores em relação às questões extralinguísticas em sala de aula”. Os resultados para o referido objetivo demonstraram que ainda hoje pouco se fala, em sala de aula, sobre os aspectos que ultrapassam essa barreira da linguagem escrita, uma vez que apenas um dos professores consultados, intitulado como Professor B, abordou em suas respostas essa questão, afirmando utilizar como ferramentas de trabalho elementos lúdicos, como músicas, jogos e vídeos, para o ensino de gramática, o que levará a explorar vários tipos de conhecimentos do aluno, fazendo com que os alunos sintam-se livres para se expressarem de diversas formas e não fiquem presos às normas padrões de ensino.

Com base nos resultados obtidos por meio da presente pesquisa, foi possível compreender que o trabalho com a linguagem totalmente centrado no ensino da gramática tradicional não favorece a inclusão e o reconhecimento da variação linguística enquanto um componente natural, necessário e legítimo da língua.

Diante disso, destacamos que o ensino da referida gramática continua sendo um fator excludente em sala de aula e não cumpre com seu papel principal, possibilitar ao aprendiz a possibilidade de ampliação das competências comunicativas, visto que algumas situações requerem dos aprendizes a utilização de registros mais formais da linguagem.

No que diz respeito à variação linguística na fala dos alunos, também podemos notar que existe um grande equívoco na sala de aula, pois ao ser passado esse ensino da gramática tradicional, sem que haja uma reflexão sobre os diferentes usos da língua, alguns professores ainda julgam a fala como passível de correção,

acreditando na falácia do “erro de português”, quando, na verdade, o que ocorre são desvios referentes ao uso das regras prescritas pela gramática tradicional, seja no âmbito ortográfico ou gramatical.

Tal problemática acarreta o preconceito linguístico, que ainda é muito presente, principalmente nas escolas e, muitas vezes, esse preconceito vem do próprio professor, por não saber como orientar o aluno sobre as adequações na fala, sem que seja levantada a questão equivocada da existência de erro na fala dos aprendizes.

Podemos observar, de acordo com os dados obtidos, que os professores com menor tempo de formação, bem como aqueles que possuem formações continuadas, são mais sensíveis às questões relacionadas ao uso e reflexão linguística, buscando que seus alunos desempenhem mais um papel protagonista, deixando-os livres para se expressar. Além de compreenderem que a fala não é homogênea e que esse fator não implicará em uma carência no que tange ao trabalho com a linguagem, pois a oralidade e a escrita são dois fatores diferentes e que são desenvolvidos separadamente.

Apesar de existirem muitos estudos sobre a referida temática, esse assunto ainda é bastante pertinente, pois a questão da língua falada ainda é vista pela sociedade como algo a ser corrigido, visto que as regras da gramática tradicional são vistas como parâmetros para uso uniforme da língua independentemente da situação comunicativa e todos que fogem dessas regras são concebidos como indivíduos inferiores, julgamento esse totalmente equivocado.

Dessa forma, o presente estudo reforça a riqueza da língua ao enfatizar a variação linguística, sobretudo como uma temática que deve estar presente em sala de aula, pois as variedades são bem-vindas e repletas de significados. Dessa forma, se mostra necessário que se tenha consciência que todos os falantes apresentam uma identidade cultural e que a variação não ocorre por acaso, existem regras que regem essas habilidades e todas elas precisam ser respeitadas.

## REFERÊNCIAS

- ABRALIN. **Bases para uma pedagogia da variação linguística**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw>
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: ARS Poética Editorial, 1994.
- ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada: limpando "o pó das ideias simples"**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 2007.
- BAKHTIN Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRAIT, B. Lições de gramática do professor Mikhail M. Bakhtin. In: BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo, SP: Editora 34, 2013.
- BRASIL, **Ministério da Educação**, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF. \_\_\_\_\_.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- COELHO. Izete Lehmkuhl. Et al. **Para conhecer**. São Paulo: Editora contexto, 2015.
- FRANCHI, C. et al. **Criatividade e gramática**. In: POSSENTI, S. (Org.). Mas o que é mesmo "gramática"? São Paulo: Parábola, 2006. p. 34-101.
- GERALDI. João Wanderley. et al. **O texto na sala de aula**. - São Paulo : Ática, 2011
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1996.
- GIL. Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa quantitativa e suas possibilidades**. São Paulo, 1995.

PERINI, A . Mário. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2005

ZANINI, Marilurdes. **Uma Visão Panorâmica da Teoria e da Prática do Ensino de Língua Materna**. Acta Scientiarum, 21(1), Maringá, 1999, pp. 79- 88.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

15:57

Enso de Língua Portuguesa

Perguntas Visualizar Resposta Configuraçã

Seção 1 of 11

**Enso de Língua Portuguesa**

Prezado/a participante,  
Primeiramente, agradecemos sua contribuição para esta pesquisa, que tem como intuito entender o processo de ensino/ aprendizagem de Língua Portuguesa. Afiramos que sua identidade será preservada. Solicitamos a leitura cuidadosa de cada pergunta é que sejam respondidas de acordo com suas práticas pedagógicas. Em caso de dúvida, entre em contato com a pesquisadora.

Nome completo:

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Data de nascimento

15:58

Enso de Língua Portuguesa

Perguntas Visualizar Resposta Configuraçã

Data de nascimento

Incluir ano  Mês, dia, ano

Incluir o tempo  Horário

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Tempo de trabalho

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Múltipla escolha

Formação profissional

Graduação

Especialização

Mestrado

Doutorado

15:58

Enso de Língua Portuguesa

Perguntas Visualizar Resposta Configuraçã

Quantas aulas de Língua Portuguesa seus alunos tem durante a semana?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Quantas das suas aulas você trabalha conteúdos gramaticais isoladamente?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Quais estratégias você utiliza para ensinar gramática aos seus alunos?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Para você qual/quais as dificuldades de ensinar gramática?

15:58

Enso de Língua Portuguesa

Perguntas Visualizar Resposta Configuraçã

Para você qual/quais as dificuldades de ensinar gramática?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Seus alunos gostam das aulas de gramática? Justifique.

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Como você lida com variações linguísticas na fala dos seus alunos?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Como você lida com variações linguísticas na escrita dos seus alunos?

15:58

Enso de Língua Portuguesa

Perguntas Visualizar Resposta Configuraçã

Como você lida com variações linguísticas na escrita dos seus alunos?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Na sua opinião, de que forma o ensino de gramática ira ser útil na vida dos seus alunos?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

Você mudaria em relação ao ensino de Língua Portuguesa atualmente? O quê? Por quê?

Chave de resposta (0 pontos) Obrigatória

Parágrafo

O que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Língua Portuguesa?

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e nossa Senhora, por me sustentarem nessa longa jornada de aprendizado, pois se não fosse por essa força eu não teria conseguido me sustentar, visto que não foi fácil chegar até aqui.

A todos da minha família, que se fizeram presente e foram incentivadores desse processo, em especial a minha mãe, Lúcia, que sempre segurou minha mão e me incentivou a não desistir dos meus objetivos e ao meu irmão, Augusto, que sempre abdicou de horas de sono para me acompanhar da parada do ônibus até a minha casa.

À professora Anilda, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação e empenho para fazer com que o meu trabalho desse certo.

Agradeço também aos meus amigos e colegas de curso, Ellen, Haddison, Bruna Bezerra, Bruna Lima, Maykon, Carlos Eduardo, Matheus, Vanessa e às minhas amigas de todas as horas, Elaine e Valclécia, por sempre estarem presentes e compartilharem de vivências acadêmicas, onde estes foram de extrema importância durante toda a minha graduação e foram peças chave para minha permanência e desempenho no curso.

Agradeço ao meu namorado, Gustavo, por todo incentivo e apoio durante todo o período da graduação, por estar comigo desde a primeira etapa e por comemorar cada conquista minha, a cada página escrita, por vibrar por comigo e me apoiar em todas as fases.

Agradeço aos meus professores da instituição, em especial a professora Cleuma Regina, Karla Valéria e Paulo Ávila por todo ensinamento e por todo carinho que transmitem aos seus alunos.

Agradeço também a todos que passaram na minha vida durante esses anos e contribuíram de alguma forma para o andamento deste trabalho.

A todos os professores que contribuíram ativamente com os dados da minha pesquisa e aos estudantes que foram meus alunos e que foram peça chave para que eu pudesse ter a experiência que precisava para concluir o trabalho.

Por fim, agradeço a você, leitor, que está buscando ler minha pesquisa e não deixando que ela seja apenas mais uma em meio a várias outras.